



UNIVERSIDADE IGUAÇU
FACULDADE DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE NUTRIÇÃO

Fayra de Andrade Moraes de Abreu

**AVALIAÇÃO DA FREQUÊNCIA DO CONSUMO DE
ALIMENTOS ULTRAPROCESSADOS EM CRIANÇAS
MENORES DE 10 ANOS DA BAIXADA FLUMINENSE**

Nova Iguaçu, 2022

FAYRA DE ANDRADE MORAES DE ABREU

**AVALIAÇÃO DA FREQUÊNCIA DO CONSUMO DE
ALIMENTOS ULTRAPROCESSADOS EM CRIANÇAS
MENORES DE 10 ANOS DA BAIXADA FLUMINENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Nutrição da Universidade Iguazu - UNIG, para obtenção de nota na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador: Prof. André Manoel Correia dos Santos

Nova Iguaçu, 2022

A162a Abreu, Fayra de Andrade Moraes de.
Avaliação da frequência do consumo de alimentos
ultraprocessados em crianças menores de 10 anos da
Baixada Fluminense / Fayra de Andrade Moraes de Abreu. -
2022.

24f. : il.

Graduação (Nutrição). Universidade Iguazu, Nova
Iguazu, 2022.

Bibliografia: f. 20-21.

· Alimentos ultraprocessados. 2. Crianças – Nutrição –
Baixada Fluminense (RJ). I. Título.

CDD 664

FAYRA DE ANDRADE MORAES DE ABREU

**AVALIAÇÃO DA FREQUÊNCIA DO CONSUMO DE
ALIMENTOS ULTRAPROCESSADOS EM CRIANÇAS
MENORES DE 10 ANOS DA BAIXADA FLUMINENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Nutrição da Universidade Iguazu - UNIG, para obtenção de nota na disciplina trabalho de Conclusão de Curso II.

Aprovado em: / /2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Mestre.

Profa. Especialista.

Profa. Dra.

Nova Iguaçu, 2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Prof. André Manoel Correia dos Santos, por ter paciência e presteza nos momentos de orientação deste trabalho, serei eternamente grata a cada palavra de incentivo e também as palavras de correção, as quais fizeram este projeto seguir em frente e ser concluído.

Por fim agradeço, a quem sempre acreditou em meu potencial e incentivou na elaboração deste e alegrou-se com a conclusão do mesmo.

RESUMO

Introdução: O sobrepeso em crianças tem sido considerado uma situação de saúde pública quando se observa índices cada vez mais expressivos em quase todos os países devido ao consumo de alimentos ultraprocessados que são facilmente encontrados e que exigem, em alguns casos, o mínimo de preparo ou nenhum, por já serem vendidos prontos. Trata-se de alimentos com altas quantidades de sódio, açúcar e outros componentes que colaboram para o aumento de peso das crianças. **Objetivo:** Realizar uma pesquisa visando avaliação da frequência do consumo de alimentos ultraprocessados em crianças menores de 10 anos da Baixada Fluminense. **Material e Métodos:** Para avaliar a frequência do consumo de alimentos ultraprocessados será desenvolvido um estudo de campo descritivo de natureza transversal, com o auxílio de um Questionário de Frequência Alimentar com os principais alimentos ultraprocessados relacionados a alimentação infantil com o utilizando a ferramenta do google formulário com os responsáveis por crianças menores de 10 anos da baixada fluminense. **Resultados:** Das 25 crianças pesquisadas, 9 são meninas e 14 meninos. Dos responsáveis que responderam ao questionário, 5 não informaram todos os dados referentes à altura e peso. Com relação ao estado nutricional das crianças avaliado pelo indicador Índice de Massa corporal por idade (IMC/I), observa-se que do total de crianças, 60% eram eutróficas, 10% apresentavam magreza e 30% estavam com excesso de peso (sobrepeso + obesidade), resultado similar ao descrito no relatório de acesso público do SISVAN (Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional) para o ano de 2020 referente a região metropolitana I do Rio de Janeiro, que engloba a baixada fluminense, onde a maioria das crianças era eutrófica (60,4%), 7,6% tinham estado nutricional de magreza e 32,6% estavam com excesso de peso segundo o índice IMC/idade **Conclusão:** Fatores como a facilidade do acesso aos produtos e a quantidade do que é consumido apresentados pelos responsáveis na pesquisa corroboram com os dados de peso das crianças. O acesso aos produtos prontos e semiprontos impacta na qualidade da alimentação das crianças. Por estes alimentos serem ricos em sódio, açúcares e gorduras, por exemplo, as crianças acabam por terem alterações no peso, o que reflete na sua qualidade de vida.

PALAVRAS-CHAVES: Alimentos ultraprocessados. Baixada fluminense. Nutrição.

ABSTRACT

Introduction: Overweight in children has been considered a public health situation when increasingly expressive rates are observed in almost all countries due to the consumption of ultra-processed foods that are easily found and that, in some cases, require minimal preparation or none, as they are already sold ready-made. These are foods with high amounts of sodium, sugar and other components that contribute to weight gain in children. **General Objective:** To carry out a survey aimed at evaluating the frequency of consumption of ultra-processed foods in children under 10 years of age in the Baixada Fluminense. **Material and Methods:** To assess the frequency of consumption of ultra-processed foods, a cross-sectional descriptive field study will be developed, with the aid of a Food Frequency Questionnaire with the main ultra-processed foods related to infant feeding using the google form tool. with those responsible for children under 10 years of age in the Baixada Fluminense. **Results:** Of the 25 children surveyed, 9 are girls and 14 are boys. Of the guardians who answered the questionnaire, 5 did not provide all the data regarding height and weight. Regarding the nutritional status of children, assessed by the Body Mass Index for age (BMI/A) indicator, it is observed that of the total number of children, 60% were eutrophic, 10% were thin and 30% were overweight (overweight). + obesity), a result similar to that described in the SISVAN (Food and Nutrition Surveillance System) public access report for the year 2020 for the metropolitan region I of Rio de Janeiro, which encompasses the Baixada Fluminense, where most children were eutrophic (60.4%), 7.6% had a nutritional status of thinness and 32.6% were overweight according to the BMI/age index **Conclusion:** Factors such as ease of access to products and the amount of what is consumed presented by those responsible in the research corroborate the children's weight data. Access to ready and semi-ready products impacts the quality of children's food. Because these foods are rich in sodium, sugars and fats, for example, children end up having changes in weight, which reflects on their quality of life.

KEYWORDS: Ultra-processed foods. Baixada Fluminense. Nutrition.

SUMÁRIO

1 ARTIGO	9
APENDICES	22
Apêndice 1 A questionário	22

1 ARTIGO

AVALIAÇÃO DA FREQUÊNCIA DO CONSUMO DE ALIMENTOS ULTRAPROCESSADOS EM CRIANÇAS MENORES DE 10 ANOS DA BAIXADA FLUMINENSE

Fayra de Andrade Moraes de Abreu, fayandrade6@gmail.com, acadêmica do curso de graduação em Nutrição da Universidade Iguazu (UNIG).

André Manoel Correia dos Santos*, andremcorreia@gmail.com, Professor Assistente do Curso de Graduação em Nutrição da Universidade Iguazu (UNIG).

*Autor correspondente: André Manoel Correia dos Santos, Universidade Iguazu, Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde, Av. Abílio Augusto Távora, bairro da Luz, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, Brasil. CEP: 26260-045.

Conflito de Interesse: Nada a declarar

Transferência de direitos autorais: todos os autores concordam com o fornecimento de todos os direitos autorais a Revista Brasileira de Pesquisa em Ciências da Saúde.

¹ O artigo está escrito nas normas da Revista Brasileira de Pesquisa em Ciências da Saúde (RBPeCS) – ISSN: 2446-557, na qual será submetido.

INTRODUÇÃO

O mundo passa por um período da história da humanidade onde os índices de sobrepeso das crianças estão se tornando uma questão de saúde pública. Estes dados estão diretamente associados ao consumo de alimentos ultraprocessados que podem ser consumidos facilmente, que possuem prazo de validade bem superior aos não processados ou pouco processados (LIBANIO *et al.*, 2019).

De fato, com o passar do tempo, foi possível notar uma mudança nos hábitos alimentares das pessoas, especialmente nas grandes cidades onde a vida é corrida e o tempo acaba se tornando escasso, inclusive para se alimentar. O acesso a lanchonetes do tipo *fast-food* que fazem propagandas atrativas, inclusive com brinquedos como brindes, a facilidade de se comprar um biscoito para “matar a fome” ou “enganar” o estômago, acabou mudando os hábitos alimentares, tendo consequências, inclusive, na qualidade de vida e na saúde das pessoas (CECCATTO *et al.*, 2018).

Segundo dados do Observatório Brasileiro de Hábitos Alimentares, as propagandas acabam influenciando na mudança dos hábitos alimentares (BORTOLETTO; KARAGEORGIADIS, 2020). Estudos realizados por Libanio *et al.* (2019), assim como Porto *et al.* (2021) apresentam dados que colaboram com essa afirmativa. Segundo estes estudos, esta mudança na ingestão das taxas de sal, açúcar, entre outras substâncias tem refletido no número de crianças atendidas pela Atenção Básica no Brasil.

Ainda sobre Bortoletto e Karageorgiadis (2020), as propagandas mencionadas anteriormente fazem uso de uma linguagem infantil, além de associarem o prazer e a diversão aos lanches prontos e as comidas rápidas. Com isso, estas campanhas publicitárias acabam por

estimular uma alimentação pouco saudável ou nada saudável (ultraprocessados) para um público em fase de crescimento e iniciação alimentar.

Estes alimentos ultraprocessados, industrializados de forma a serem cada vez mais saborosos, são ofertados muitas vezes com preço acessível, mas que carregam uma quantidade superior de calorias, carboidratos, entre outras substâncias que não são compatíveis com a dieta alimentar das crianças. Ao invés de consumirem produtos *in natura*, as crianças acabam preferindo as com sabores mais pronunciados e que são facilmente acessados dentro de uma embalagem normalmente colorida, e que muitas vezes estão associadas aos seus personagens preferidos (CECCATTO *et al.*, 2018).

Estes alimentos ultraprocessados não são considerados como alimentação adequada quando se observa a sua questão nutricional. Especialmente nos primeiros dez anos de vida, a criança deveria ter em sua dieta alimentar uma maior quantidade de alimentos minimamente processados ou não processados, garantindo a esta uma alimentação saudável e com os nutrientes necessários para a sua formação (PINHO *et al.*, 2020).

Além disso, as mídias sociais e os meios de comunicação de massa colaboram para esse cenário. Não é difícil de encontrar comerciais com cores chamativas e um cenário atrativo onde as crianças veem outras ingerindo estes tipos de alimentos e parecendo felizes. Tudo isso acaba seduzindo as crianças que iniciam uma campanha de pedidos aos pais, principalmente durante as compras. Este é outro fator que merece destaque à medida que os mercados organizam estes tipos de produtos de forma tal que ficam ao alcance das crianças (CECCATTO *et al.*, 2018).

Vale destacar que a alimentação das crianças deve ser baseada em alimentos com teores nutricionais equilibrados, ou seja, ter em sua composição alimentos de qualidade e que fazem parte de toda a pirâmide alimentar. Deste modo, as crianças devem consumir diariamente as vitaminas, fibras, proteínas, lipídios e carboidratos necessários para que o seu organismo

funcione de forma normal, sem que o excesso de um destes produtos coloque em risco a sua qualidade nutricional. Sobre o consumo dos alimentos ultraprocessados, Pinho *et al.* (2020) afirmam que em virtude do preço e da facilidade em adquiri-los, contribui significativamente para a insegurança alimentar, trazendo efeitos negativos para a sociedade, no que tange à saúde e à qualidade de vida.

Como hipótese científica, este estudo buscará verificar se existe ou não um alto consumo de alimentos ultraprocessados por crianças menores de 10 anos da baixada fluminense. Tal hipótese tem como justificativa, o fato dos alimentos ultraprocessados possuem baixo teor nutricional, são ricos em calorias, sódio, além de gorduras trans e/ou saturadas, além de altos níveis de açúcares. Trata-se de alimentos visualmente atrativos, que conquistam as crianças pela aparência e o sabor, e aos pais pela facilidade com a qual são facilmente aceitos pelos seus filhos. Contudo, apesar destas falsas vantagens, estes alimentos podem causar desequilíbrios alimentares.

Diante do que foi exposto, este estudo tem como objetivo geral realizar uma pesquisa visando avaliação da frequência do consumo de alimentos ultraprocessados em crianças menores de 10 anos da Baixada Fluminense. Para isso, foram estabelecidos objetivos específicos, sendo estes observar quais os principais alimentos ultraprocessados consumidos e a sua frequência de consumo por crianças menores de 10 anos da baixada fluminense; relacionar a ingestão desses alimentos com os efeitos negativos no organismo das crianças e; analisar os resultados obtidos fazendo um paralelo com o conteúdo teórico pesquisado.

MATERIAL E MÉTODOS

Para avaliar a frequência do consumo de alimentos ultraprocessados foi desenvolvido um estudo de campo descritivo de natureza transversal, com o auxílio de um Questionário de Frequência Alimentar.

Para este trabalho foram selecionados 14 alimentos conceituados como alimentos ultraprocessados: biscoito, cereal matinal, macarrão instantâneo, suco artificial de caixinha, bebida láctea sabor chocolate, biscoito recheado, achocolatado em pó, bolo simples, chocolate ou bombom, salgadinhos, refrigerantes, suco artificial em pó, batata frita e embutidos. Os processos empregados na produção costumam caracterizar esses alimentos como salgados, curados, adoçados, assados, fritos, defumados ou em conserva, além de poderem inserir aditivos conservantes ou cosméticos, vitaminas e minerais sintéticos e utilizarem tipos sofisticados de acondicionamento (OLIVEIRA; SOUZA, 2017).

As variáveis independentes estudadas foram: sexo, período em que a criança estuda idade, escolaridade do entrevistado e parentesco do entrevistado com a criança (Apêndice 1).

A avaliação do estado nutricional foi realizada através do indicador Índice de Massa Corporal por Idade indicado pelo Ministério da Saúde como melhor indicador para identificar desvios nutricionais, seja baixo peso ou sobrepeso/obesidade (BRASIL, 2011).

O questionário foi aplicado via Google formulário, encaminhado via grupos do Whatsapp e Facebook. A escolha das pessoas foi aleatória por amostra de conveniência julgando apresentar parentesco com a criança de: pai, mãe, tio/tia, avó/avô ou outro não especificado. Esperou-se no mínimo 50 respostas ao questionário. O questionário foi encaminhado para moradores da baixada fluminense, preferencialmente Guapimirim, Magé, Duque de Caxias, Nova Iguaçu, São João de Meriti, Nilópolis, Belford Roxo, Mesquita, Queimados, Japeri, Paracambi, Seropédica e Itaguaí.

A frequência de consumo foi classificada em: alta (1 ou mais vezes por dia), moderada (1 a 4 vezes por semana), baixa (1 a 3 vezes por mês ou menos de 1 vez por mês) ou nunca.

A análise estatística dos dados foi realizada através de estatística descritiva com auxílio do programa Excel®, calculando-se as frequências absolutas e relativas para as variáveis e mostrados por meio de média e desvio padrão em gráficos ou tabelas.

RESULTADO E DISCUSSÃO

A amostra foi composta por 25 entrevistados, sendo 69,57% (n=16) das crianças sob a responsabilidade de pessoa do sexo feminino (mãe) e 30,43% (n= 7) do sexo masculino (pai). Acerca do grau de escolaridade dos responsáveis obteve-se como resultado o fato de que 75% destes [n=18] possuem o ensino médio e 25% [n=6] o ensino superior.

Das 25 crianças pesquisadas, 9 são meninas e 14 meninos. Dos responsáveis que responderam ao questionário, 5 não informaram todos os dados referentes à altura e peso. Com relação ao estado nutricional das crianças avaliado pelo indicador Índice de Massa corporal por idade (IMC/I), observa-se que do total de crianças, 60% eram eutróficas, 10% apresentavam magreza e 30% estavam com excesso de peso (sobrepeso + obesidade), resultado similar ao descrito no relatório de acesso público do SISVAN (Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional) para o ano de 2020 referente a região metropolitana I do Rio de Janeiro, que engloba a baixada fluminense, onde a maioria das crianças era eutrófica (60,4%), 7,6% tinham estado nutricional de magreza e 32,6% estavam com excesso de peso segundo o índice IMC/idade (SISVAN, 2022). Cordeiro *et al.* (2020) apresentaram resultados semelhantes, onde 24,4% das crianças de uma região do nordeste entre 7 e 10, apresentavam excesso de peso (sobrepeso/obesidade). A revisão de trabalhos abordando o estado nutricional de crianças e adolescentes feita por Pitanga *et al.* (2021) relata que as prevalências no Brasil são 3,6% para

baixo peso/magreza, 71,9% de eutrofia e 27,8% de excesso de peso, resultados similares ao encontrado nesse estudo e indicando uma tendência mundial de aumento da obesidade em crianças e adolescentes.

Sobre o regime escolar, 3 responsáveis não responderam a esta pergunta. Das 22 que responderam, foi possível perceber que 80,95% [n=17] estão matriculadas na escola em regime de meio período, enquanto 19,05% em período integral. A educação integral na perspectiva do tempo integral é uma concepção educativa que se estabeleceu em nosso país como requisito de educação de qualidade há pouco tempo, por isso poucos alunos do estudo se enquadram nesse regime escolar. Na história da educação brasileira o tema da educação integral encontra-se presente de modo recorrente e veio sendo utilizado a partir de matrizes ideológicas diferentes na tentativa de solucionar os problemas decorrentes da democratização e universalização da escola (SILVA; OLIVEIRA, 2021).

Os hábitos alimentares da população global estão mudando, principalmente devido à maior aquisição de alimentos prontos para o consumo, com alto teor de gordura e açúcar, além da diminuição de alimentos não processados, como frutas, vegetais, tubérculos e grãos. Alimentos ultraprocessados, seguindo o Guia Alimentar para a População Brasileira, são produtos fabricados com adição de sal, açúcar, gordura, o que as torna desequilibrados nutricionalmente, por isso, seu consumo pode elevar o risco de doenças, como as do coração, obesidade e diabetes (BRASIL, 2014) e por esse motivo, crianças devem evitar ao máximo seu consumo. Uma análise dos dados sobre os hábitos alimentares de adultos brasileiros revelou que 69,5% da ingestão energética diária é composta por alimentos integrais ou pouco processados, 9,0% por alimentos processados e 21,5% por alimentos ultraprocessados e esse padrão alimentar observado em adultos também é encontrado em estudos com crianças e adolescentes brasileiros (FERREIRA *et al.*, 2019), e é similar ao resultado encontrado nesse estudo. Landim *et al.* (2020) observaram que

crianças de um colégio de rede pública de Teresina-PI tinham alto consumo de alimentos ultraprocessados, como suco industrializado (44%), embutidos (43%), bolos e biscoitos doces (42%). Cordeiro *et al.* (2019) também avaliando o consumo de ultraprocessados em crianças de 7 a 10 anos do nordeste, observaram uma maior frequência no consumo de sucos industrializados, leite em pó, seguido dos bolos e biscoitos doces, achocolatado em pó e embutidos. O que corrobora com os estudos de Libanio *et al* (2019), Silva *et al.* (2021), entre outros que apontam que os alimentos ultraprocessados são capazes de interferir na qualidade alimentar de crianças.

Ao serem questionados sobre o consumo de biscoito do tipo “maisena, maia, leite, água e sal”, a maioria dos responsáveis revelou que as crianças consomem estes produtos de 1 a 3 vezes por semana, como pode ser observado pela Tabela. Sobre o consumo de alimentos do tipo sucrilhos foi possível perceber um resultado equilibrado, onde das 25 crianças, 8 nunca consumiram o produto, a mesma quantidade consome pelo menos uma vez ao mês, 7 crianças pelo menos 1 vez por semana e 1 das crianças consome diariamente. Sobre o consumo de alimento do tipo miojo o resultado 4 crianças consumindo de 1 a 3 vezes por semana, 2 crianças consumindo o produto de 2 a 4 vezes por semana, 1 criança consumindo diariamente.

Alimento	Nunca	< 1 x por semana	1 a 3 x por semana	2 a 4 x por semana	1 x por dia	2 x ou mais por dia
Biscoito tipo “maisena, maria, leite, água e sal”	0 (0%)	6 (24%)	9 (36%)	3 (12%)	4 (16%)	1 (4%)
Cereal Matinal tipo “sucrilhos”	8 (32%)	8 (32%)	7 (28%)	0 (0%)	1 (4%)	0 (0%)
Macarrão instantâneo tipo “Miojo”	5 (20%)	12 (48%)	4 (16%)	2 (8%)	1 (4%)	0 (0%)
Suco artificial de caixinha (tipo “ades, delvale, Kapo...”)	2 (8%)	3 (12%)	9 (36%)	8 (32%)	2 (8%)	0 (0%)
Bebida láctea sabor Chocolate pronta para beber (tipo “toddyinho, nescau,...)	8 (32%)	2 (8%)	9 (36%)	2 (8%)	3 (12%)	0 (0%)
Achocolatado em pó (tipo “nescau ou toddy”)	8 (32%)	2 (8%)	8 (32%)	0 (0%)	5 (20%)	1 (4%)
Bolo simples feito com massa em pó pronta (chocolate, fubá, cenoura...)	4 (16%)	12 (48%)	8 (32%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Chocolate ou bombom	2 (8%)	8 (32%)	11 (44%)	2 (8%)	0 (0%)	0 (0%)
Salgadinhos (tipo batata chips, cebolitos, fofura...)	3 (12%)	6 (24%)	7 (28%)	6 (24%)	1 (4%)	1 (4%)
Refrigerantes	4 (16%)	8 (32%)	8 (32%)	4 (16%)	0 (0%)	0 (0%)
Suco artificial em pó (tipo “tang, kisuco...”)	14 (56%)	3 (12%)	3 (12%)	4 (16%)	0 (0%)	0 (0%)
Batata-frita e salgadinhos de festa fritos (tipo “coxinha, quibe frito, ...”)	1 (4%)	11 (44%)	10 (40%)	1 (4%)	1 (4%)	0 (0%)
Embutidos (mortadela, presunto, salsicha, linguiça...)	7 (28%)	6 (24%)	9 (36%)	1 (4%)	2 (8%)	1 (4%)

Tabela 2. Frequência de consumo de alimentos ultraprocessados por crianças segundo os responsáveis.

Os resultados obtidos demonstram claramente que a facilidade do acesso aos alimentos prontos ou semiprontos é um fator que influencia no consumo das crianças. Quando observamos os dados de consumo de bombom e de batata frita observa-se um alto consumo, tanto no período de 1 a 3 vezes por semana, quanto no de 2 a 4 vezes por semana. Dados similares são vistos no consumo do suco artificial de caixinha, refrigerantes e salgadinhos.

Diante dos dados coletados nesta pesquisa, foi possível observar que o consumo de alimentos ultraprocessados, não indicados para uma dieta alimentar de crianças é alto, o que pode levar a alterações no peso, por exemplo. Isso se dá, inclusive, devido ao alto teor sódio, além da presença de gorduras trans e/ou saturadas, e altos níveis de açúcares, entre outros elementos na composição destes alimentos, que não colaboram para a qualidade da saúde alimentar das crianças (CRUZ; RODRIGUES; VASCONCELOS, 2020).

Estudos semelhantes mostram uma alta prevalência do consumo de alimentos produzidos industrialmente no cotidiano das pessoas, como demonstrado por Domingues *et al.* (2014), Oliveira e Souza (2016) e Libanio *et al.* (2019), que analisaram o consumo alimentar de crianças em idade escolar e encontraram aumentos significativos no consumo de bolos, biscoitos e produtos (guloseima). Além disso, Libanio *et al.* (2019) e Sparrenberger *et al.* (2015) apontam que o consumo de alimentos ultraprocessados tem relação direta com a idade da criança, pois verificaram que o consumo desses foi superior entre as crianças de 5 a 10 anos quando comparado ao consumo entre crianças menores de 5 anos de idade.

A maioria dos produtos ultraprocessados é pouco perecível e não requer preparo prévio antes do consumo, às vezes é chamado de “alimentos de conveniência” ou “alimentos rápidos”. Estes são feitos para serem portáteis práticos e acessíveis, incorporando hábitos alimentares como pular refeições, comer enquanto se envolve em outras atividades como assistir televisão, dirigir

um carro ou trabalhar e comer sozinhos – fatores que estão principalmente associados ao ganho de peso (FERREIRA *et al.*, 2019).

Ainda com relação às crianças, De Melo *et al.* (2019) relatam que a presença de alimentos ultraprocessados nas cantinas escolares e a publicidade relacionada a eles, são fatores que contribuem com as escolhas e preferências dos escolares por estes alimentos, os quais são mais agradáveis ao paladar e de baixo preço quando comparados a alimentos naturais, além de demandar em um consumo excessivo por não suprirem as necessidades energéticas nessa faixa etária.

CONCLUSÃO

Diante do que foi apresentado neste artigo foi possível obter informações relevantes sobre o acesso a produtos ultraprocessados por crianças menores de 10 anos de idade na cidade pesquisada, refletindo, inclusive, resultados de órgãos governamentais e de evidências. Fatores como a facilidade do acesso aos produtos e a quantidade do que é consumido, apresentado pelos responsáveis na pesquisa corroboram com os dados de peso das crianças.

Observando o resultado da pesquisa em comparação a outros estudos realizados anteriormente, nota-se que o acesso aos produtos prontos e semiprontos impacta na qualidade da alimentação das crianças. Por estes alimentos serem ricos em sódio, açúcares e gorduras, por exemplo, as crianças acabam por terem alterações no peso, o que reflete na sua qualidade de vida.

BIBLIOGRAFIA

BORTOLETTO, A.P.; KARAGEORGIADIS, E. **Publicidade infantil**: a porta de entrada para produtos ultraprocessados. Observatório Brasileiro de Hábitos Alimentares. Brasília: Fiocruz, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Vigilância Alimentar e Nutricional**. Disponível em: <https://aps.saude.gov.br/ape/vigilanciaalimentar/curvascrescimento> Acesso em 04 nov. 2022.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Orientações para a coleta e análise de dados antropométricos em serviços de saúde: Norma Técnica do Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional - SISVAN / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

CECCATO, D.; SPINELLI, R.B.; ZANARDO, V.P.S.; RIBEIRO, L.A A influência da mídia no consumo alimentar infantil: uma revisão de literatura. **PERSPECTIVA**, Erechim. v. 42, n.157, p. 141-149, março/2018.

CORDEIRO, Maraysa Carvalho et al. Hábito alimentar, consumo de ultraprocessados e sua correlação com o estado nutricional de escolares da rede privada. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 3, p. e21932300-e21932300, 2020.

CRUZ, G.M.; RODRIGUES, J.F.; VASCONCELOS, I.N. Consumo de alimentos processados e ultraprocessados entre pré-escolares e escolares e fatores associados: uma revisão de literatura. **Conexão Unifametro**, XVI Semana Acadêmica, 2020;

DE MELO, Janete da Costa Barbosa et al. Influência da mídia no consumo de alimentos ultraprocessados e no estado nutricional de escolares. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 29, p. e1016-e1016, 2019.

DOMINGUES, A.G; *et al.* **Consumo de alimentos industrializados em crianças de unidade escolar pública da cidade de jacaraci-BA**. C&D-Revista Eletrônica da Fainor, Vitória da Conquista, v.7, n.2, p.206-218, jul./dez. 2014

FERREIRA, Camila Silva et al. Consumo de alimentos minimamente processados e ultraprocessados entre escolares das redes pública e privada. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 37, p. 173-180, 2019.

LANDIM, Liejy Agnes dos Santos Raposo et al. Avaliação nutricional, consumo alimentar e frequência de ultraprocessados em escolares da rede pública. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 5, p. e2427-e2427, 2020.

LIBANIO, I.F.F.; CORREA, R.S.; MONTEIRO, A.S.; VALLANDRO, J.P. Consumo de alimentos ultraprocessados em crianças atendidas pelo serviço de Atenção Básica na região sul do Brasil. **International Journal of Nutrology**, v. 12, n. 1, 2019.

OLIVEIRA, Ana Carolina da Silva; DE SOUZA, Ludmila Maria Barros. Avaliação da frequência do consumo de alimentos ultraprocessados de crianças menores de 10 anos. **South American Development Society Journal**, v. 2, n. 6, p. 143-154, 2017.

PINHO, L.; ROSA, I.R.; COSTA, F.F.; SILVA, M.L.P.D. Pandemia da Covid-19: Impactos à renda e ao aumento do consumo de alimentos ultraprocessados. **Unimontes Científica**, Montes Claros (MG), Brasil, v. 22, n. 2, p. 1-15, jul./dez. 2020.

PITANGA, Fábio Herget et al. Estado nutricional de crianças e adolescentes do Brasil: uma revisão bibliográfica sistemática. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 5, p. 46676-46695, 2021.

PORTO, Jessica Prates *et al.* Aleitamento materno exclusivo e introdução de alimentos ultraprocessados no primeiro ano de vida: estudo de coorte no sudoeste da Bahia, 2018. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 30, p. e2020614, 2021.

SILVA, I.J.S.; MONTEIRO, M.C.; ARAÚJO, M.G.V.; PAZ, R.C. Estado nutricional e consumo de ultraprocessados de crianças com transtorno do espectro do autismo. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.8, p. 85158-85171 aug. 2021

SILVA, Reginaldo do Socorro Martins; DE OLIVEIRA, Ney Cristina Monteiro. Educação integral em tempo integral: a experiência pioneira da escola da fundação aquarela na periferia da cidade de Belém-PA (2001-2011). **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 8, p. 78670-78679, 2021.

SISTEMA DE VIGILINÂNCIA ALIMENTAR E NUTRICIONAL (SISVAN) [internet]. DATASUS. 2022. Disponível em: <https://sisaps.saude.gov.br/sisvan/>

SPARRENBERGER, Karen *et al.* Ultra-processed food consumption in children from a Basic Health Unit. **Jornal de Pediatria**, v. 91, p. 535-542, 2015.

Apêndice 1. Questionário.**QUESTIONÁRIO DE FREQUÊNCIA ALIMENTAR PARA CRIANÇAS MENORES DE 10 ANOS DE IDADE**

Primeiro nome (criança): _____

Frequência a escola: () período integral () meio período

Sexo: () masculino () Feminino

Data de nascimento: ____/____/____

Idade: _____

Peso da criança: _____

Estatura da Criança: _____

Entrevistado/Responsável pela criança

Parentesco com a criança: () pai () mãe () tio(a) () avô/avó () outro

Escolaridade: () Ensino fundamental () ensino médio () ensino superior

Sexo: () masculino () feminino

Possui alguma doença crônica ou condição especial de saúde? () sim () não.

Qual(is): _____

Marcar quantidade assinada com um X de cada alimento que a criança consumiu habitualmente durante os últimos 6 meses.

1. Biscoito tipo “maisena, maria, leite, água e sal”

- () nunca
- () < 1x por mês
- () 1 a 3 x por semana
- () 2 a 4 x por semana
- () 1 x por dia
- () 2 x ou mais por dia

2. Cereal Matinal tipo “sucrilhos”

- nunca
- < 1x por mês
- 1 a 3 x por semana
- 2 a 4 x por semana
- 1 x por dia
- 2 x ou mais por dia

3. Macarrão instantâneo tipo “Miojo”

- nunca
- < 1x por mês
- 1 a 3 x por semana
- 2 a 4 x por semana
- 1 x por dia
- 2 x ou mais por dia

4. Suco artificial de caixinha (tipo “ades, delvale, Kapo...”)

- nunca
- < 1x por mês
- 1 a 3 x por semana
- 2 a 4 x por semana
- 1 x por dia
- 2 x ou mais por dia

5. Bebida láctea sabor Chocolate pronta para beber (tipo “toddynho, nescau,...”)

- nunca
- < 1x por mês
- 1 a 3 x por semana
- 2 a 4 x por semana
- 1 x por dia
- 2 x ou mais por dia

6. Achocolatado em pó (tipo “Nescau ou todody”).

- nunca
- < 1x por mês
- 1 a 3 x por semana
- 2 a 4 x por semana
- 1 x por dia
- 2 x ou mais por dia

7. Bolo simples feito com massa em pó pronta (chocolate, fubá, cenoura...)

- nunca
- < 1x por mês
- 1 a 3 x por semana
- 2 a 4 x por semana
- 1 x por dia
- 2 x ou mais por dia

8. Chocolate ou bombom

- nunca
- < 1x por mês
- 1 a 3 x por semana
- 2 a 4 x por semana
- 1 x por dia
- 2 x ou mais por dia

9. Salgadinhos (tipo batata chips, cebolitos, fofura...)

- nunca
- < 1x por mês
- 1 a 3 x por semana
- 2 a 4 x por semana
- 1 x por dia
- 2 x ou mais por dia

10. Refrigerantes

- nunca
- < 1x por mês
- 1 a 3 x por semana
- 2 a 4 x por semana
- 1 x por dia
- 2 x ou mais por dia

11. Suco artificial em pó (tipo “tang, kisuco...”)

- nunca
- < 1x por mês
- 1 a 3 x por semana
- 2 a 4 x por semana
- 1 x por dia
- 2 x ou mais por dia

12. Batata-frita e salgadinhos de festa fritos (tipo “coxinha, quibe frito,...”)

- nunca
- < 1x por mês
- 1 a 3 x por semana
- 2 a 4 x por semana
- 1 x por dia
- 2 x ou mais por dia

13. Embutidos (mortadela, presunto, salsicha, linguiça...)

- nunca
- < 1x por mês
- 1 a 3 x por semana
- 2 a 4 x por semana
- 1 x por dia
- 2 x ou mais por dia